

CONSIDERAÇÕES E ILUSTRAÇÕES SOBRE A BRINCADEIRA A PARTIR DA ÓTICA HISTÓRICO-CULTURAL E DO DOCUMENTÁRIO TERRITÓRIO DO BRINCAR

Eixo 2 – Psicoterapia

Amanda Carla Oliveira; UESB/BA; *amandacarloliv@gmail.com*
Filipe Ribeiro Brito; UESB/BA; *filipe.rbrito@gmail.com*
Giovani Lavigne dos Santos; UESB/BA; *lavigneleroy@gmail.com*
Carmem Virgínia Moraes da Silva; UESB/BA; *carmem.virginia@uesb.edu.br*

INTRODUÇÃO/CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para Vigotski (2008, p. 24), “do ponto de vista do desenvolvimento, a brincadeira não é uma forma predominante de atividade, mas, em certo sentido, é a linha principal do desenvolvimento na idade pré-escolar”. Tendo em vista tal afirmação, o brincar fornece uma estrutura básica que propicia as mudanças das necessidades e da consciência na criança e, portanto, pode ser considerado uma atividade central que determina o seu desenvolvimento. Auxilia, também, a criança no desenvolvimento do pensamento abstrato e da linguagem, permitindo que ela passe a atuar no campo cognitivo através da imaginação, ao invés de apenas reagir às percepções imediatas dos objetos e situações do mundo externo que a afetam (VIGOTSKI, 1998).

A imaginação é considerada por Vigotski (1998) como uma característica definidora do brincar, e não uma subcategoria do mesmo. Ela ensina a criança a agir movida pelo significado da ação em vez de responder aos estímulos sensório-perceptivos do mundo externo. É através das brincadeiras que as crianças se conectam com seus semelhantes e descobrem um novo mundo, desenvolvendo uma narrativa própria e que incita a socialização de seus métodos frente à realidade. Tal fato é exemplificado por Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p.179): “o desenvolvimento da pessoa está extremamente ligado à sua relação com o ambiente sócio-cultural e só irá vingar se tiver o contato e o suporte de outros indivíduos de sua espécie”.

O presente artigo tem, assim, como propósito tecer considerações sobre o brincar, amparados no referencial teórico elaborado por Lev Vigotski, com as vivências de brincadeiras



apresentadas na obra documental, demonstrando, dessa maneira, o seu caráter histórico-cultural. Nesta perspectiva, Silva (2017, p. 441) coloca que:

as brincadeiras das crianças, quando observadas, revelam singularidades desses sujeitos e permitem delinear as questões que dizem respeito ao seu meio cultural e às suas relações, pois o brincar pode ser tomado como uma das expressões das vivências infantis, carregada de marcas concretas do meio no qual as crianças vivem.

Diante disso, espera-se que, a partir do estudo, seja possível explicitar o significado da brincadeira no desenvolvimento infantil e considerar a pertinência do emprego da brincadeira como recurso em práticas com crianças.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na elaboração do artigo consiste em uma revisão narrativa acerca da brincadeira e seu papel no desenvolvimento infantil, com o objetivo de explorar a dimensão do brincar associada ao desenvolvimento psíquico, aos aspectos sócio-históricos, e também a brincadeira como recurso para a clínica infantil. Os artigos foram coletados a partir do banco de dados SciELO, utilizando as palavras-chave ‘*Psicologia Histórico-Cultural*’, ‘*Vigotski*’, ‘*Brincadeira*’ e ‘*Brincar*’. Foram selecionados e utilizados oito textos para leitura e análise porque tratavam do tema pretendido, além de escritos obtidos a partir do componente curricular optativo Tópicos Especiais em Psicologia do Desenvolvimento. Além disso, foram utilizados fotogramas do filme *Território do Brincar*, disponível *online* gratuitamente na plataforma de vídeos Videocamp.

DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento da pesquisa teórica, foi traçado um caminho que explorou as dimensões do brincar: o caráter histórico-cultural da brincadeira; a brincadeira como linha central do desenvolvimento na idade pré-escolar; aspectos singulares ou subjetivos da brincadeira; imaginação e criatividade e a brincadeira como possibilidade de elemento clínico.

Através do brincar, são apreendidas pelas crianças, as configurações socioculturais referentes a um determinado grupo social. Isso denota que a brincadeira é uma atividade social, e é por meio das relações afetivas que a criança mantém com as pessoas do seu entorno que esse conceito se firma. O filme nos traz diferentes recortes socioeconômicos, geográficos e



regionais, mas também, a existência de uma proximidade cultural no brincar, o que nos leva a confirmar a brincadeira como atividade de valor universal e marco de uma cultura.

Vigotski (2008) defende que a brincadeira é, na verdade, a linha central do desenvolvimento neste período que engloba crianças de dois a seis anos. O autor reforça a ideia de que a maturação de novas necessidades deve ser colocada em destaque, visto que aquilo que é de grande interesse para o bebê pode deixar de interessar a criança em idade pré-escolar. Nesta fase, a criança brinca sem distinguir o ato de imaginar presente na brincadeira da vida real. Na idade escolar, por sua vez, a brincadeira não se esvai, mas ganha outro sentido e significado quando entra na relação com a realidade.

Com o auxílio da situação imaginária, a brincadeira pode ajudar a desenvolver na criança um movimento com o campo semântico (sentido e significado) e a realização de desejos anteriormente irrealizáveis, dando espaço assim para novas formas de desejar. Há, também, o fato explicitado por Vigotski de que, ao brincar, a criança aprende a ter maior consciência de suas ações e dos significados dos objetos. No documentário *Território do Brincar*, observa-se as brincadeiras de crianças de idade pré-escolar, nas suas mais diversas manifestações de realização de desejos.

De acordo com Rolim, Guerra e Tassigny (2008, p. 177), “a brincadeira proporciona à criança um contato com sentimentos de alegria, sucesso, realizações de seus desejos. Esse jogo de emoções ajuda a estruturar sua personalidade e a lidar com angústias.” Na brincadeira, ocorre um movimento que provoca na criança sensações que até então ela não havia experienciado. São essas vivências que irão fazer parte do que ela poderá vir a ser, e que complementam sua subjetividade. É a própria criança quem cria o que é possível, mesmo que subordinada a alguma regra. São questões como essa que incitam a aprendizagem e a prática clínica a partir da brincadeira: explorar as condições disponíveis e se desprender do concreto e palpável.

Como mediador entre criança e brincar, muitas vezes, encontra-se o brinquedo. De acordo com Vigotski (*apud* ROLIM; GUERRA; TASSIGNY, 2008, p. 178), “eles são construídos quando a criança começa a experimentar tendências não realizáveis” Em *Território do Brincar*, os meninos confeccionam seus próprios carros com sucata, e, ao produzir seu próprio brinquedo, a criança alcança um novo patamar em seu desenvolvimento. Dessa maneira, podemos apontar esse processo criativo da criança como sendo parte do caráter histórico-cultural do brincar.



A criatividade corresponde a uma das ações psíquicas que se constrói ao lado de outros mecanismos superiores. Dentro da área dos estudos do ato criativo, sobre a ótica da Psicologia Histórico-Cultural, entende-se que a visão sobre o tema se aproxima da vertente ambientalista, e, a partir das teorizações de Vigotski (*apud* BORGES e MOZZER, 2008), compreende-se que, inicialmente, o ato criativo é expresso de uma maneira primária e que se encontra submetido ao repertório de experiências que a criança vivenciou. Dessa forma, a brincadeira infantil não se resume a uma cópia, e sim à reelaboração de novas realidades que vão de encontro com as carências daquele momento em específico.

A clínica é um espaço onde é possível observar a manifestação das vivências e da personalidade da criança, assim como permite ao psicoterapeuta intervir em momentos que surgem características de destaque (GUNLANDA; GOMES; BAADE, 2017). Sendo assim, a brincadeira é uma linguagem utilizada pela criança na clínica, constitui sua subjetividade e possibilita uma relação dialógica com o psicoterapeuta, como exposto por Silva (2017, p. 3):

As brincadeiras das crianças, quando observadas, revelam singularidades desses sujeitos e permitem delinear as questões que dizem respeito ao seu meio cultural e às suas relações, pois o brincar pode ser tomado como uma das expressões das vivências infantis, carregada de marcas concretas do meio no qual as crianças vivem.

Por apresentar características afetivas, essa prática permite a observação de como o(a) infante se relaciona com o que é posto a ela, assim como traços da sua personalidade, sendo esses alguns elementos importância no ambiente clínico.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A brincadeira, em seu aspecto lúdico, possibilita à criança um universo de experimentação singular constituído a partir das suas próprias vivências. Ressignifica-se, no contato com a pluralidade cultural de cada região, evidenciando seu caráter adaptativo. Em seu âmago, participa como importante base para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança em idade pré-escolar.

Para explorar a brincadeira como recurso da prática clínica com crianças, já foi discutido no texto que ela é um elemento na linha central do desenvolvimento na idade pré-escolar, devido ao amadurecimento das necessidades não-realizáveis. Esse percurso desencadeia no significado que a criança se relaciona com a brincadeira, pois ela traz um sentido a esta atividade

mais próxima com a relação da realidade, tornando-se a maneira que o(a) infante encontra para realizar, de maneira imaginativa, seus desejos irrealizáveis.

A partir da Psicologia Histórico-Cultural e mediante o exposto, espera-se que o presente texto possa, além de ressaltar a importância da brincadeira no desenvolvimento, contribuir para a discussão no âmbito da prática clínica infantil.

Palavras-chave: Brincadeira. Desenvolvimento infantil. Psicologia Histórico-Cultural. Vigotski.

REFERÊNCIAS

BORGES, F. T.; MOZZER, G. N. de S. A criatividade Infantil na perspectiva de Lev Vigotski. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, 2008, p. 297–316. DOI: 10.5216/ia.v33i2.5269. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/5269>. Acesso em: 21 jun. 2021.

GUNLANDA, O.; GOMES, A.; BAADE, J. Vigotski e a clínica psicológica: considerações a partir de seus escritos. **Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde**, Santa Catarina, v. 6, n. 2, p. 1-19, 2017.

ROLLIM, A. A. M.; GUERRA, S. S. F.; TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, jul./dez. 2008, p. 176-180.

SILVA, C. V. M. da. Vivência de brincadeiras com sucata: relato de uma atividade de extensão. In: VI Seminário Nacional e II Seminário Internacional de Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional – UESB/PPGED. **Anais eletrônicos [...]**. Vitória da Conquista, v. 6, n. 6, out. 2017, p.440-452. ISSN: 2594-7613.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. David Reeks e Renata Meirelles. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2015. 90 min. Disponível: <https://www.videocamp.com/pt/campaigns/quarentena-believe-territoriodobrincar>. Acesso: 25 jun. 2021.

VIGOTSKI, L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. Rio de Janeiro, jun. 2008. Disponível em: <https://atividart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021. ISSN: 1808-6535.

_____. **A formação social da mente**. 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.